

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PESQUISA HISTÓRICA II**

**LENDAS E MITOS CAICOENSES: A EDIFICAÇÃO DA IDENTIDADE DE UM
MUNICÍPIO**

WELLISON WESTERLEY DE ARAÚJO FERNANDES

**NATAL-RN
2004**

WELLISON WESTERLEY DE ARAÚJO FERNANDES

**LENDAS E MITOS CAICOENSES: A EDIFICAÇÃO DA IDENTIDADE DE UM
MUNICÍPIO**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada e orientada pelo Professor Durval Muniz de Albuquerque Junior, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

**Natal-RN
2004**

Aos meus pais Kalú Cazé e Fernandes, aos meus irmãos Wendell e Wharton, pelo amor e apoio importantíssimos na minha vida.

Ao vaqueiro e ao boi das narrativas lendárias, personagens principais de inspiração para a realização deste trabalho, bem como, a Nossa Senhora de Sant'Ana que "rogou" a Deus forças pela minha fé.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai Celestial que se faz presente concretamente em todos os momentos da minha vida, ao qual, recorri nas fases mais difíceis, dando-me forças e encorajando-me a manter firme minha fé em seu amor e a Maria Santíssima por sua intercessão.

Ao professor/orientador Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, pela compreensão, paciência, amizade e disponibilidade na elaboração deste trabalho através de sua valiosa contribuição.

Aos meus familiares que me dedicaram apoio em especial Maria Iris e Kilvânia Souza.

A todos os amigos do curso de História da UFRN que dividiram comigo os momentos de alegrias e conhecimentos durante toda a vida acadêmica.

Aos professores e amigos caicoenses Luzia Araújo (Kalú), Paula Sônia, Maria das Dores, Adauto Guerra Filho, Edilza, Arizela, que me ajudaram a concretizar este trabalho através de suas fontes e sabedoria.

Aos companheiros de batalha do 1º BECnst que favoreceram e disponibilizaram condições para as minhas pesquisas e estudos.

Aos meus irmãos historiadores: Gisleany, Wiara, Evânia, Jarbas, Kézia, Elaine, Ana Rosalina e em especial ao grande amigo Raniely Macêdo pelo seu companheirismo e disponibilidade em meu auxílio.

E a todos que contribuíram de maneira possível para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa trata da ^A história de origem da cidade de Caicó relatada a partir das primeiras narrativas lendárias em torno do município. Tanto as narrativas lendárias como a história oficial constróem um imaginário em torno da região elaboradas desde a colonização do Sertão Seridoense. Analisar como se construiu historicamente um imaginário em torno do município de Caicó mediante a elaboração de uma mitologia a partir da colonização do Seridó é o objetivo principal deste trabalho. Inicialmente, partimos da noção de mito, lendas para relacioná-los à historiografia do município caicoense. Em seguida, ressaltamos a memória histórica da cidade enfatizando seu desenvolvimento econômico a partir da pecuária e da cotonicultura, bem como, o papel da Igreja na memória de seu povo. Por fim, como tais elementos serviram para a construção da identidade de Caicó. Para todo esse processo de estudo, utilizamo-nos das primeiras narrativas a respeito da história de surgimento do município de Caicó baseadas nas obras de Manoel Dantas e Pe. Eymard Monteiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. CAPÍTULO I: LENDAS E MITOS CAICOENSES	10
2. CAPÍTULO II: MEMÓRIA HISTÓRICA	28
3. CAPÍTULO III: CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE	52
CONCLUSÃO	63
FONTES E BIBLIOGRAFIA	65

INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos da história, as lendas são utilizadas para explicar fatos desconhecidos. Nós somos herdeiros da cultura greco-romana onde isso era bem peculiar. Tanto os gregos como os romanos já explicavam suas origens através de lendas. Herdamos esse gênero literário.

A origem de Caicó não foi diferente. Não sabendo ao certo explicar sua origem, os literatos ou historiadores utilizaram-se das lendas do vaqueiro e do poço de Sant'Ana que se descrevem de várias formas, para expressar o surgimento da cidade de Caicó. É interessante observar que o conteúdo ou as peças fundamentais da história de origem da cidade não mudam, apenas variam de escritor para escritor. São elas: poço, vaqueiro, boi, mofumbo, promessa e capela. A partir desses elementos, vários relatos construíram lendas sobre a origem da cidade. Contradições entre elas existem, porém, em cada uma delas esses temas aparecem.

Não podemos fugir de algo que é por demais marcante e característico ainda em nossa época e expressa o legado cultural que os portugueses – um dos nossos ancestrais, deixaram-nos: o sentido religioso. Sentindo-se acossado pelo touro ou desnordeado o vaqueiro valeu-se de Sant'Ana.

As lendas inseridas na história da origem de Caicó possuem valor histórico, pois retratam a cultura de uma época e os aspectos geográfico-culturais da Caicó nascente.

A importância das lendas para a construção da identidade da cidade de Caicó, tema pouco abordado pela academia, levou-nos a nos interessar por esse estudo a ponto de torná-lo objeto desta monografia.

As lendas do vaqueiro e do poço de Sant'Ana são tão antigas quanto à própria história da velha Caicó. Fruto da fantasia humana, ela relata a cidade na sua origem e, mais importante ainda, cultua o que mais caracteriza o local na época. A história das lendas de Caicó não foi apenas um capítulo a mais na história da cidade. Se não é o mais importante, possui seu valor pelo pioneirismo e o relato descritivo de seu meio geográfico, fatos que enriquecem a história da cidade. Sem ela a história de Caicó estaria mutilada, a menos que outra ou outras histórias ocupassem seu lugar.

Deti-me como fonte^s inicial^{is} para tal pesquisa nos livros de Manoel Dantas – “Denominações dos Municípios, 1922” e de Pe Eymard L'e. Monteiro – “Caicó: subsídios para a história completa do município, 1945”. Isso não significa querer subestimar os demais, apenas notamos que muitos que se aventuraram nessa empresa foram repetidores do legado deixado por esses estudiosos e escritores da cidade de Caicó, visto que os atuais pesquisadores se fundamentaram neles.

Este trabalho está dividido em três Capítulos: “Lendas e Mitos Caicoenses”, “Memória Histórica” e “A construção de uma Identidade”. No primeiro capítulo, acompanharemos a análise do discurso mítico e o surgimento de um imaginário que proporciona a elaboração de uma suposta identidade para a cidade de Caicó, bem como, a partir de quando se constrói essa imagem mítica de sua origem.

No segundo capítulo, abordaremos como a memória histórica elaborada pela historiografia local se relaciona com a construção da identidade do município de Caicó. Para isso, tratamos dos elementos que contribuíram para a formação de uma imagem caracterizadora do município, destacando, que toma como ponto de partida, a história a partir da economia colonial da capitania, a qual, estava organizada em função dos interesses do capitalismo comercial e da atividade pecuarística

subsidiária da produção açucareira da Zona da Mata, fornecendo carne, couro e o próprio animal para o trabalho.

No terceiro capítulo abordaremos como essas lendas e memórias foram usadas para construir a identidade da cidade que, ao mesmo tempo, é a identidade de alguns moradores, ou melhor, conclui-se que, a memória serve para legitimar o poder e a dominação de determinados grupos sociais da cidade, como exemplo, os grandes proprietários de terras e produtores de algodão, que durante séculos, hegemonizaram o poder na cidade.

(não
deve
vir no
Introdução
cad)

CAPÍTULO I

1. LENDAS E MITOS CAICOENSES

“Ah! Caicó arcaico, em meu peito catolaico, tudo é descrença e fé”. (A Prosa Impúrpura do Caicó).

Chico César

O município de Caicó, antes representado pela freguesia de Sant’Ana do Seridó (1748), teve como fator determinante de ocupação a existência de pastagens naturais, acompanhadas de clima favorável à criação extensiva dos rebanhos bovinos. Seu processo de povoamento encontra-se efetivamente marcado pela economia assentada na pecuária, bem como, pelo modo de vida a ela adaptada. Para a análise de sua origem histórica bem como de sua “criação” a partir dos relatos existentes há a necessidade de se ressaltar os caminhos pelos quais se construiu a caracterização da história da cidade.

Fatos e lendas, que se misturam, tornaram-se, elementos característicos da memória do município que, por vezes, constituirão as narrativas históricas de origem da cidade. A origem lendária de Caicó, destacada nas narrativas, e entre os primeiros escritos, “indicia” o surgimento mítico, bem como, uma suposta identidade regional. Para se entender a construção desta historiografia regional, há sempre a necessidade de, pelo menos em parte, conceituar os elementos colaboradores na sua formação, são eles: a história, o mito e suas lendas.

Os estudos sobre a abordagem mítica constituem, também, uma abordagem das idéias e dos fatos históricos em suas versões lendárias tornando-as essenciais para a compreensão de toda a formação da história do município.

Analisarei, em um primeiro momento, a formulação da identidade do município caicoense a partir de suas narrativas lendárias surgidas desde a

colonização da região do Seridó em meados dos séculos XVII e XVIII. Enfatizarei os aspectos que proporcionaram a construção dessa identidade, buscando entender alguns caminhos por meio dos quais se produziu fatos que mantiveram, ou talvez ainda mantém, um importante papel na construção cultural da cidade de Caicó, bem como estudar como se fez e a partir de quando se formula essa imagem que individualiza o município em relação às demais regiões.

O intuito deste primeiro capítulo é o de avaliar o discurso mítico e o surgimento de um imaginário que proporcionará a elaboração de uma suposta identidade para a cidade e a partir de quando se constrói essa imagem mítica de origem da cidade de Caicó.

A abordagem do pensamento mítico destaca-se, como uma forma de relato da origem de algumas regiões, ou melhor, a historiografia mítica é tomada quase sempre como o outro lado, ou versão, da história de formação de determinada região ou lugar, o que não foi diferente no Seridó.

Para tratar o pensamento mítico, há a necessidade de definir o seu significado relacionando-o com a história mítica da região, a qual se pretende questionar, tentando enfim, expor idéias que talvez ajudarão definir sua participação na formulação de uma versão para a história regional. Para conceituar o mito podemos lançar mão de uma definição dada por Mircea Eliade que assim se expressa:

Os mitos (...) referem-se em geral, a grandes feitos de caráter heróico, ou como definição (explicação), de uma historiografia imaginária que, com freqüência, são considerados como fundamento e o começo da história de uma comunidade, ou do gênero humano em geral; são então, "histórias verdadeiras", extremamente preciosas pelo seu caráter sagrado, exemplar e significativo; fornece modelos de conduta humana conferindo significação a toda existência.¹

¹ ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972, p.42.

A primeira vista, o mito pode ser entendido como um relato de alguns acontecimentos surpreendentes que se supõe ter acontecido, geralmente, num passado bem remoto e quase sempre duvidoso, ou seja, não se conhece, pelo menos é o que parece, mitos datados com grande precisão e, na maioria de suas histórias, existem narrativas, que podemos chamar de “mágicas”, que deixam sempre a desejar em suas explicações.

Considera-se ainda o mito como forma de um sistema de comunicação, ou melhor, uma mensagem transmitida através da fala. “O mito está obviamente relacionado com questões de linguagem e também da vida social do homem”², bem como, “não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como se profere”³.

Caracterizado por dar continuidade a um acontecimento ou fato, mesmo não concreto, através da forma de comunicação ou linguagem, o mito relaciona-se também com as lendas, que por sua vez, caracterizam-se como sendo narrativas em que fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela invenção poética, ou até mesmo, transformados em alguma lenda. Pode-se ainda conceituá-las como sendo tradições populares criadas em um determinado momento, no intuito de serem mantidas, a fim de estabelecerem uma garantia de seus espaços. A construção desse imaginário lendário poderá estar atribuída a uma maneira de continuar a historiografia ou assegurar a memória cultural de um dado espaço ou tempo. Como forma de discurso humano, a população mantém uma tradição comum, mesmo sendo questionada como imaginária, para garantir uma possível identidade ou caracterização própria.

² ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. ed. 70. Lisboa, 1989, p.81.

³ BARTHES, Roland. **Mitologias**. In: Tradição de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. ed. 10. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.131.

Através dos estudos sobre a mitologia, procura-se ter em mente uma das respostas importantes da civilização humana. Tal afirmativa é corroborada por Roland Barthes.

Assim se expressa o renomado escritor:

O mito é um sistema ideográfico puro onde as formas são ainda motivadas pelo conceito que representam, sem, no entanto, cobrirem a totalidade representativa desse conceito. A função do mito é transformar um sentido em forma.⁷

A relação existente entre a história e o mito quando se trata do município caicoense e o que até o momento foi discutido, encontra-se exposto em suas narrativas lendárias construídas desde a colonização do Sertão Seridoense. Na historiografia da cidade os fatos e lendas não se separam e estão relacionados com a própria história da região Seridó reproduzida em obras da literatura regional, bem como no imaginário popular.

No que se refere à história, particularizando o que nos interessa – a de Caicó, vários elementos contribuíram para a sua edificação. Os elementos que ajudaram constituir a história do município, tanto em seu lado mitológico como em sua memória histórica, poderão estar somados a diversos fatores econômicos da época, como: a pecuária e a cotonicultura. Uma vez compreendidos, tais elementos se revelam como outros personagens que foram importantes na origem histórica e “mítica” do município. No que diz respeito à pecuária destacamos a presença concreta não só da prática da criação do rebanho bovino, mas a presença do responsável pelo assentamento dos currais de gado, ou seja, a figura do “vaqueiro”, que nas narrativas, caracterizou-se por ser um dos elementos iniciais na origem mítica da região além do “touro bravo”; a cotonicultura que, a partir da última década

⁷ BARTHES, Roland. **Mitologias**. In: _____. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. ed. 10. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.148.

do século XIX, terá grande destaque, tanto na economia como no desenvolvimento urbano da cidade. Analisaremos com mais precisão esses elementos a partir do momento em que formularmos a construção da memória histórica do município.

A pretensão maior de analisar estes relatos está em rever todos estes elementos básicos que constituem as narrativas lendárias em torno do município, e, em uma discussão mais detalhada, promover uma melhor discussão a respeito da historiografia lendária. Conta à tradição mais antiga que:

Quando o Sertão era virgem, a tribo dos "Caicós", célebre por sua ferocidade, julgava-se invencível, porque Tupan vivia ali, encarnado num touro bravo que habitava um intrincado mufumbal, existente no local onde está, hoje, situada a cidade do Caicó. Destroçada a tribo, permaneceu intacto o misterioso mufumbal, morada de um deus, mesmo selvagem. Certo dia, um vaqueiro inexperto, penetrando no mufumbal, viu-se, de repente, atacado pelo touro sagrado, que iria, indubitavelmente, matá-lo. Rapidamente inspirado, o vaqueiro fez o "voto" a N.S. Sant'Anna de construir ali uma capela, se o livrasse de tamanho perigo. Como por encanto, o touro desapareceu. O vaqueiro destruiu a mata e iniciou, logo, a construção da capela. O ano era seco e a única aguada existente era de um poço do rio Seridó. O vaqueiro fez novo "voto" a S. Anna para o poço não secar antes de concluída a construção da capela. O "Poço de Sant'Anna", como ficou, desde então, denominado, nunca mais secou. Reza a lenda que o espírito do deus dos índios, expulso do mufumbal, foi se abrigar no poço, encarnando-se no corpo de uma serpente enorme que destruíra a cidade, ou quando o poço secar, ou quando as águas do rio, numa cheia pavorosa, chegarem até o altar-mor da matriz do Caicó onde se venera a imagem da mãe de Nossa Senhora.⁸

Percebe-se que a narrativa lendária a respeito da origem da cidade, ressalta a presença portuguesa em sua colonização, pois, só após as revoltas indígenas e a vitória do colonizador, que leva a exclusão das populações nativas, pode-se admitir, pelo menos por parte desta narrativa, que foi a partir da dissipação da "tribo dos Caicós" que se iniciou a edificação do município.

Na historiografia regional a batalha decisiva entre nativos e colonizadores denominada "A Guerra dos Bárbaros" (1687 – 1697), marcam, em parte, a origem de

⁸ DANTAS, Manoel. **Denominação dos Municípios: Rio Grande do Norte**. Natal: Empresa Tipográfica Natalense Ltda, 1922, p.31. (Coleção Mossoroense, série B, n.607, 1989).

algumas regiões. A extensão dessa batalha chega até o Seridó no chamado Acauã, denominada hoje Acari, e, a partir da vitória dos portugueses, inicia-se a ocupação branca do Sertão Seridoense e demais regiões potiguares. Sabe-se, segundo a historiografia existente, que “eram os índios cariris e caicós que lutaram bravamente contra as forças dos colonizadores portugueses”⁹, mas em suma, “a tribo dos caicós apresentam ser os primeiros ‘silvícolas’ que ocuparam o território onde atualmente ergueu-se a cidade de Caicó”¹⁰.

No que se refere à presença do “touro bravo” na narrativa lendária, podemos relacioná-la a prática da pecuária a partir da colonização portuguesa. Uma breve explicação sobre a introdução do gado em nosso estado nos ajudará a entender a presença de tal personagem na história lendária da região. Está comprovado que, o primeiro Governador Geral do Brasil Tomé de Souza, trouxe os primeiros rebanhos de gado ao país (1548), contudo, não se sabe com precisão quando começou a criação bovina na capitania do Rio Grande do Norte. Talvez tenha chegado aqui bem antes de 1607, data do primeiro documento que trata da economia do Estado. Com a concessão de sesmarias para as fazendas de gado no Seridó, tornou-se mais fácil a sua efetivação, precisamente no Acauã, onde se tem as primeiras datas de terras concedidas na região e registradas no livro da capitania do Rio Grande do Norte em 1676.¹¹

Os problemas com as secas são encarados, já nas últimas décadas do século XVII, alguns autores admitem que houve seis secas nesse período: 1603; 1606; 1614; 1645; 1652; e 1692. Apenas fazem ligeiras referências, sem maiores

⁹ FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine. **Caicó**. Natal: FJA / CEPEJUL, 1982, p.13.

¹⁰ MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos Inventários do Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1983. p.29.

¹¹ SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução Econômica do Rio Grande do Norte: do século XVI ao século XX**. Natal: Clima, 1994, p.54.

considerações. A presença dos colonizadores na capitania norte-rio-grandense, através de suas sesmarias, tornou-se bom alvo para os saques das tribos famintas. No Rio Grande do Norte longas estiagens são comuns durante o século XVIII. “Não se tem dúvida que as secas da primeira metade do século XVIII, atrasaram o crescimento demográfico dos sertões como o seu desenvolvimento econômico”¹². A pecuária manteve-se como principal ramo econômico do Estado até a chegada da seca de 1877 a 1879, arrasando a maior parte dos rebanhos potiguares. A seca sempre foi acompanhante da paisagem geográfica da região Seridoense, bem como de quem com ela convivia. Sua vegetação rala e de clima sem umidade, bem como temperaturas elevadas, caracterizam não só o município caicoense mais toda região Seridoense. Essas grandes estiagens se destacam como mais um elemento formador da paisagem mítica do Caicó antigo: o mofumbal, citada também na narrativa regional lendária. Esta vegetação torna-se o “painel de fundo” do local onde “ocorreu” o ritual de invocação à santa protetora, bem como, a derrubada de sua flora, torna-se marco inicial para a edificação da primeira capela em devoção a santa padroeira. Tal vegetação caracteriza a própria caatinga sertaneja nos sertões do Seridó.

O pedido de proteção suplicado pelo “lendário cavaleiro” à sua santa protetora, abre espaço a uma nova explicação dos relatos lendários da região. O temor ao poder divino é tomada como uma forte particularidade do homem sertanejo cuja tradição religiosa vem da cultura cristã portuguesa. Era de bom costume sempre ter a devoção a algum santo, pois se acreditava ter uma proteção soberana sobre todos os males da terra, que por hora poderiam vir a molestar-lhes.

¹² SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução Econômica do Rio Grande do Norte: do século XVI ao século XX**. Natal: Clima, 1994, p. 60.

Eis que a santa protetora do vaqueiro em perigo era a mãe da mãe de Jesus, ou melhor, Ana, esposa de Joaquim, genitores da Virgem Santíssima Maria, citada no evangelho de São Tiago do Novo Testamento. Sant'Ana, assim sendo cultuada, foi suplicada a proteger de tamanho perigo seu "filho devoto".

Ao certo, a crença em algum santo padroeiro ou protetor, revela a presença do catolicismo na época. Com o vaqueiro esta presença tornou-se clara ao invocar a proteção de "Nossa Senhora Sant'Ana", segundo as narrativas lendárias.

A cidade de Caicó não renegou a tradição. A religiosidade presente nesta cidade vem da cultura portuguesa. Mesmo passando por um longo período de dominação dos holandeses, não houve aí expansão do protestantismo.

Relacionar a tradição religiosa com a origem do município de Caicó, é o que bem representa a promessa lendária do vaqueiro. Foi a partir daí, que surgiu a capela de Sant'Ana, embora digam alguns estudiosos que a atual matriz não é a primitiva capela. Mais isso se constitui em fato de menor importância no contexto da pesquisa, pois o fundamental é a influência da religião na origem de Caicó e sua crescente expansão até os dias de hoje. No que diz respeito a religiosidade, a forte influência da Igreja é reafirmada pela devoção aos seus santos protetores, representados nas narrativas lendárias, como principais refúgios de fé através da "prece" contida no mito de origem do município e também, sobretudo, no importante papel que exerceu na edificação da própria cidade.

O sociólogo e escritor Itamar de Souza no livro "Caicó" editado pela Fundação José Augusto, registrou o seguinte relato:

A devoção a Sant'Ana existente no Brasil, foi trazida pelos colonizadores portugueses que a transmitiram a sucessivas gerações. No Seridó, o culto a Sant'Ana é prestado desde 26 de Julho de 1748, data em que a Igreja e a população do Seridó começaram a celebrar os louvores de sua padroeira, apresentando-lhes suas preces. Como padroeira dos Sertões potiguar e

paraibano, Sant'Ana tem inspirado grande fé no povo, a ponto de ser considerado pelos seus devotos, seu elo entre Deus e a salvação.¹³

Uma outra maneira de se interpretar a respeito do surgimento do município, encontra-se em Eymard L'Eraist Monteiro, cujas crônicas caracterizam-se por relembrar fatos esquecidos da história da cidade. Para Monteiro, a história oral passa a ser um dos elementos fundamentais para a descrição de novas versões sobre a origem lendária da cidade, indagando dos mais antigos moradores variadas histórias sobre as lendas de origem. Tais versões são relatadas de várias formas, embora pretendam ser a mesma história.

No lugar onde hoje é a cidade de Caicó o que havia era só mofumbo... Mas, certa vez, durante a seca, apareceu por aí um fazendeiro de Jardim de Piranhas, procurando um touro que havia, há dias, desaparecido do curral. E nesta mata de mofumbos deu com ele, mas o animal parecendo um demônio marchou, furioso, para derrubar o cavaleiro e o seu cavalo. O vaqueiro correu apavorado, fugindo a perseguição do touro lembrando-se, porém, na aflição, de prometer uma capela a Sant'Ana, no lugar onde o touro o abandonasse. E olhando para trás viu que o animal seguira outro caminho, desaparecendo. O fazendeiro voltou ao sítio de Jardim de Piranhas e, expondo o ocorrido aos seus trabalhadores, estes se prontificaram a construir a capela, exatamente onde está, hoje, a Catedral de Caicó. Construída a capela, foi fácil, mais tarde, aparecerem às habitações que deram início a atual cidade.¹⁴

Outro conta que:

O tal fazendeiro vinha das bandas do Acarí e não de Jardim de Piranhas. E que, perdido no intrincado mufumbal existente a margem do rio Seridó, sem acertar a saída, ajoelhou-se e prometeu a Sant'Ana de construir-lhe uma capela naquele lugar, caso conseguisse encontrar, novamente, o caminho. E assinalou, com uma cruz, o local da promessa. Montou-se. O cavalo, de rédeas soltas, conduziu-o por uma vereda que antes não descobrira, até a estrada que seguia para o Acarí. Voltando dias depois o fazendeiro rico mandou construir a capelinha...¹⁵

¹³ FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine. **Caicó**. Natal: FJA / CEPEJUL, 1982, p.47.

¹⁴ MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.12.

¹⁵ MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.13.

Por intermédio de tais versões compreende-se ter sido um boi e um vaqueiro os causadores da fundação da cidade. O processo histórico de ocupação do espaço caicoense atrelado a implantação das fazendas de gado, permitiu que a pecuária e o modo de vida por ela ensejada imprimissem profundas marcas na paisagem geográfica e na estrutura social e mental, de onde se sobressai a figura do vaqueiro como um tipo peculiar, criado às suas expensas. No que se refere à figura do vaqueiro, cabia-lhe a responsabilidade de fazer os assentamentos de currais de gado. Enfrentava a lida direta com o gado e a administração da propriedade, desempenhando inúmeras tarefas em um trabalho árduo e constante¹⁶.

Sabe-se que na região do Seridó, os primeiros sesmeiros, com algumas exceções, não tomaram posse, pessoalmente, das terras obtidas. Mandavam seus pré-postos para a administração das fazendas que, geralmente, eram vaqueiros ou homens de certa experiência. Muitos desses mais tarde tornaram-se fazendeiros bem sucedidos.¹⁷

Esse conjunto de idéias referentes à posição do vaqueiro, muitas vezes tido como escravo, ou homem livre, distinto da figura do senhor fazendeiro, instigou-me a iniciar uma “investigação” a respeito desta última narrativa lendária em torno do município de Caicó. De certo, Monteiro, usa a história oral, como elemento instituinte de uma nova versão para o surgimento lendário da região. Afirma-se em princípio, ter sido um “fazendeiro” de Jardim de Piranhas ou de Acari, o lendário cavaleiro, a penetrar no misterioso mufumbal; mais adiante, relata um vaqueiro que apavorado

¹⁶ LAMARTINE, Oswaldo. **Encouramento e Arreios do Vaqueiro no Seridó**. Natal: Gráfica do Senado Federal, 1980, p.105.

¹⁷ SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução Econômica do Rio Grande do Norte: do século XVI ao século XX**. Natal: Clima, 1994, p.64.

foge de uma perseguição. Surge uma contradição no que se refere ao personagem narrado na historiografia regional. Qual elemento poderá assumir papel principal nesta narrativa lendária? Terá sido um vaqueiro, caracterizado como responsável pelo cuidar geral dos afazeres das fazendas, ou o próprio fazendeiro que, assumindo posição de senhor proprietário, prometeu a edificação de uma capela a Sant'Ana caso o livrasse do tamanho perigo, junto aos seus trabalhadores que se prontificaram na construção? Sabe-se que era costume dos proprietários rurais, movidos pelo zelo religioso, intentar levantar capelas em seus sítios, doando meia légua de terra para a constituição do patrimônio das mesmas, condição indispensável para o atendimento de suas pretensões¹⁸. Para esta hipótese, um melhor estudo será mostrado mais adiante quando tratar da memória histórica da cidade.

O ato de ajoelhar-se, bem como, a promessa feita em troca do pedido de algum auxílio, apresentado nas narrações, mostra mais uma vez, a forte presença do cristianismo ou mais precisamente do catolicismo, na cultura de um personagem que fez votos a sua santa protetora, seguindo os preceitos determinados por sua religião. A marcação do local onde ocorreu o término da perseguição define mais uma caracterização do catolicismo, ou melhor, a cruz, símbolo do cristianismo, revela sua importância no que diz respeito ao cumprimento da promessa.

A literatura de divulgação encarregou-se de difundir através dos tempos as lendas já citadas.

A referida literatura regional está permeada de influências lendárias. Alguns autores enfatizam o aspecto puramente mítico da origem agregando-as à religiosidade de sua população.

¹⁸ MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos Inventários do Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1983, p.95.

A sentença abaixo das renomadas escritoras cearenses Célia Magalhães e Vilma Maciel se enquadra perfeitamente naquilo que determinamos de literatura regional.

A corrida do tempo deixa nas páginas da história um patrimônio inviolável de tradições (...), de fatos históricos que se perpetuam sob várias formas de literatura.¹⁹

Nos poemas de Jaime dos G. Wanderley "Flor de Estufa entre Cactus", salientamos uma dessas construções literárias em: "O Milagre do mufumbal", mostrando não só a participação lendária, mas outras caracterizações a respeito dos elementos constituintes das narrativas. Eis uma estrofe que define o caráter religioso do poema:

Conta uma velha lenda, que um vaqueiro
se embrenhando, uma vez, no mufumbal,
deparou-se com um touro, num aceiro,
que fica entre o rio e o matagal (...)

E naquele local onde se aninha,
a lenda, que é verdade, hoje se irmana,
foi erigida a santa capelinha
e entronizada em seu altar, Sant'Ana (...)²⁰

A idéia a respeito do "touro bravo", antes explicitada na apresentação da origem e a introdução da pecuária na capitania do Rio Grande do Norte, é retomado a partir desta citação literária em uma outra visão. O animal apresenta-se, segundo conceito da estrofe acima, como uma figura, ou "oráculo", iniciadora de uma história futura.

É em torno dessa idéia a respeito da origem mítica do município caicoense, que se permite ainda relatar, bem como analisar, uma outra narrativa complementar

¹⁹ MAGALHÃES, Célia; MACIEL, Vilma. **Nordeste Místico: império da fé**. Fortaleza: Cearense, 1983, p.12.

²⁰ WANDERLEY, Jaime dos G. **Flor de Estufa entre Cactus: Poema**. Natal: GSF, 1968, p.27.

da historiografia da cidade. A lenda do “Poço de Sant’Ana” foi também de grande auxílio para a construção dessa imagem mítica. Não me convém relatar mais uma vez a narrativa lendária, já que antes foi inserida na história de origem do município²¹, mas dar continuidade falando a respeito das influências que a literatura regional adquiriu mostrando, também, o seu caráter religioso. Ainda nos poemas de Jaime Wanderley: “O Poço de Sant’Ana”, nota-se a presença de uma outra versão no que se refere à necessidade maior de suas águas.

Na primeira narrativa há o relato de que a necessidade maior das águas do poço era para a construção da “primitiva capela”, onde o “vaqueiro” faz novo voto a Sant’Ana para o poço não secar antes de concluída a construção²², já o poema de Wanderley relata que:

(...) em uma ano de seca, horripilante,
Seu gado não havia, onde beber,
Rogou, com fé, à virgem, suplicante,
Um meio pra seu gado não morrer.

E prometeu a santa milagrosa,
Se lhe fosse atendida à petição,
Erigia, na terra pedregosa,
Uma igreja, pra sua devoção.

Logo a água minou, ao pé da rocha,
Cavou-se a terra e a água então verteu,
Tal como um lírio que desabrocha,
Pra perfumar o campo onde nasceu (...) ²³

O poema citado refere-se ao rico fazendeiro Manoel de Souza Forte que roga a Sant’Ana um meio para o seu gado não morrer de sede, tendo em vista o ano ser de seca. A esse personagem será dado maior importância no capítulo seguinte onde, analisaremos a memória histórica do município. Surge uma nova contradição

²¹ MONTEIRO, Eymard L’E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999.

²² DANTAS, Manoel. **Denominação dos Municípios: Rio Grande do Norte**. Natal: Empresa Tipográfica Natalense Ltda, 1922. (Coleção Mossoroense, série B, n.607, 1989).

²³ WANDERLEY, Jaime dos G. **Flor de Estufa entre Cactus: Poema**. Natal: GSF, 1968, p.30.

no que diz respeito aos relatos lendários, desta vez em torno do “Poço de Sant’Ana”. Conta à tradição que o “Poço de Sant’Ana”, assim denominado pelas narrativas lendárias, serviu de sustento para a construção da capela com a disponibilidade de suas águas, relato anteriormente citado. Uma nova prece a Sant’Ana foi rogada para que as águas do poço não secassem antes de concluída a construção. Segundo narra a lenda, a súplica foi atendida e até o então o poço nunca mais secara permitindo o surgimento de outras novas histórias lendárias.

É na obra de Itamar Vale, “Meu Velho Caicó”, que encontramos subsídios para a permanência dessas novas histórias:

(...)velho poço de Sant’Ana(...)
A lenda do teu passado,
Fala do escravo encantado,
Da serpente e do menino(...)²⁴

Monteiro, seguindo a história oral, explica esta tradição em: O Poço de Sant’Ana:

Conta-se que uma moça dando à luz um filho, jogou-o no Poço de Sant’Ana, para que ninguém lhe descobrisse a desonra. E a cabeça deste menino aparece, vez por outra, na superfície da água, sorrindo, macabramente, para os que lá estão tomando banho. No reino encantado, na fuma da pedra, debaixo da água, era tradição também que morava um negro desaparecido, certa vez, quando lá se banhava, brincando com os outros companheiros.²⁵

Ainda em Itamar Vale, encontramos novas versões registradas na seguinte forma:

(...)Mas, certo dia secastes

²⁴ VALE, Itamar. **Meu Velho Caicó**. Natal: GSF, 1974, p.16.

²⁵ MONTEIRO, Eymard L’E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.31.

E todo encanto acabastes,
Talvez culpa do destino (...)²⁶

Sabe-se ao certo, que as águas do “velho poço” já secaram e não só uma vez, fato ocorrido pela primeira vez em 7 de Março de 1938. O fato causador na época foi uma “bomba” ligada para puxar as águas para o abastecimento da usina elétrica desde o princípio do ano anterior:

(...) quase toda a população da cidade chegou-se até o rio para espiar o Poço de Sant’Ana que tinha secado... Foi uma verdadeira novidade. E não apareceu serpente, nem caboclo, nem menino, nem nada.²⁷

Na música não seria diferente. Suas composições narram a construção lendária construída pela literatura regional e em suas melodias ouve-se o “soar de suas tradições”. No hino oficial do município, a letra de José Lucas e a melodia de Felinto Lúcio Dantas, apresenta uma parte dessa imagem histórica.

Co’o vaqueiro da prece lendária
Surge o marco de amor a Sant’Ana:
Caicó, jovial centenária,
Que aos filhos queridos ufana.²⁸

A música, expressa a influência lendária da cultura popular. A narrativa de lendas e mitos que comporam a “trajetória” das origens de Caicó ganha continuidade com essas canções.

Jaime Filgueira e Luís Filgueira em: “Prece de um Vaqueiro” participaria um pouco mais desta trajetória. Sua canção, sendo uma das mais conhecidas na mídia

²⁶ MONTEIRO, Eymard L’E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.24.

²⁷ Idem, p.31.

²⁸ ARAÚJO, Eromar Batista de. **Caicó ontem como li**. Brasília: GSF, 1991, p.26.

popular regional, expressa o orgulho de sua gente em manter “viva” suas tradições, reconstruindo em composições, o desenvolvimento cultural de sua terra.

Foi na prece de um vaqueiro
Que nasceu o Caicó
Coração deste sertão brasileiro
Capital do Seridó (...)²⁹

Do ponto de vista cultural é indiscutível a importância do legado deixado pelos mitos e lendas para a história de Caicó. Como foi reiteradas vezes citadas era de praxe criar lendas para explicar determinados fatos históricos e é isso que nos interessou neste primeiro capítulo.

Com a história de Caicó não foi diferente. Um emaranhado de lendas e curtas e confusas histórias tentam explicar a sua origem. Nisso consiste a sua importância, pois, até hoje, nunca foi nem será encontrada outra forma de explicar a origem de Caicó. Então se não fosse a lenda ou as lendas a história estaria mutilada.

As lendas e mitos de Caicó não pararam no tempo e no espaço permanecendo apenas como precursores de uma história tricentenária. Elas se refletem na história de Caicó ainda hoje. Ao longo dos tempos têm sua continuidade reproduzida na música, literatura de cordel e artes plásticas, bem como, nas obras reproduzidas por aqueles que se interessam explicar a origem do município e seu desenvolvimento histórico. São, por assim dizer, objetos dos artistas e escritores. Mas também são objetos de uso por parte das elites políticas locais, que as utiliza para a construção de uma identidade que contribuiu para a legitimação do próprio papel que desempenharam e desempenham na cidade.

²⁹ ARAÚJO, Lidiane (org.). **Caicó meu ninho**. Caicó-RN: 2001, p.30.

CAPÍTULO II

2. MEMÓRIA HISTÓRICA

A identidade de um determinado lugar poderá vir a surgir no imaginário de uma comunidade quando ela recorre a inventar tradições. Essas tradições surgem a partir do momento em que uma comunidade sente-se ameaçada de perder suas referências espaciais, ou seja, a busca das “verdadeiras raízes”, no âmbito cultural, leva à necessidade de inventar tradições. A manutenção dessas tradições garante a demarcação de seu espaço que, poderá estar ameaçado de esquecimento na memória coletiva. Para tratar da construção da identidade de algum lugar, há a necessidade de estabelecer uma relação de seu desenvolvimento histórico com a sua memória coletiva.

Estando construídas ou “visibilizadas”, as tradições permitem compor uma memória histórica, proporcionando assim, a elaboração de uma identidade que caracterize um dado espaço, ou melhor:

A identidade regional ou local, permite costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religa os homens do presente a um passado, que atribuem um sentido a existência cada vez mais sem significado.³⁰

Como o presente trabalho é dedicado a tentar expor a construção da identidade de Caicó, é importante descrever o processo pelo qual se deu a construção de sua memória histórica. A memória coletiva será um dos recursos a serem usados na construção da identidade do município caicoense.

Antes de expormos os elementos que participaram da construção da identidade do município de Caicó, se faz necessário uma melhor abordagem do

³⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. In.: _____. Prefácio de Margareth Rago. ed. 2, Recife: FJN, Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 2001, p.77.

conceito de memória. No que se refere à memória, em especial a que nos interessa – a memória coletiva, sabe-se que seu objetivo maior está em conservar certas informações. A memória coletiva, segundo Jaques Le Goff:

(...) foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas (...)³¹.

No estudo histórico da memória é necessário dar importância às diferenças entre as sociedades de memória oral e de memória escrita, como também a transição da oralidade para a escrita, o que terá importância na transformação de memória coletiva de algumas sociedades. Esse procedimento poderá caracterizar a memória coletiva em distintos períodos aos quais Le Goff chamará de “transmissão oral e escrita”. Quando nos referimos à escrita, direcionamos essa idéia às sociedades cuja memória coletiva fundamenta-se em torno de certos mitos, mais precisamente nos de origem. A escrita permite dar à memória coletiva maior fixação nos acontecimentos memoráveis, merecedores de inscrições, tornando-o ligado ao documento escrito.

A memória coletiva é um meio fundamental da vida social, das dimensões da ação coletiva, tornando-se um veículo de poder, ou seja, poder de transmitir ou de propor uma dada memória à coletividade; poder de criar, refazer ou destruir identidades sociais; de dar sentido, corpo e eficácia aos atos coletivos³².

Ainda sobre a noção de memória coletiva, diz Maurice Halbwachs, que a construção da memória se dá a partir do momento em que se “vive” determinado

³¹ LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. ed.3. Campinas: Unicamp, 1994, p.426-427.

³² GUARINELLO, Noberto Luiz. **Memória Coletiva e História Científica: revista brasileira de história**. V.15, n.28, São Paulo, 1994, 189.

acontecimento ou fato histórico individual ou coletivamente. Mas, para se obter a lembrança da imagem de um determinado acontecimento no passado, se faz necessário que haja pontos de contatos entre uma e outra memória, ou seja, contatos entre grupos de pessoas que proporcionem lembranças, uma reconstrução sobre o fundamento comum, ou melhor, é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns passadas de um para o outro reciprocamente, o que só é possível se fizeram, ou, continuem a fazer, parte de uma mesma sociedade³³.

A identidade de uma região ou lugar é variada conforme a forças sociais, ou melhor, os grupos ou indivíduos que participam da elaboração da memória histórica, que se dispõem a construir mentalmente suas realidades e, conseqüentemente, transmitem-nas às várias gerações através da educação, hábitos e manifestações culturais. Tal afirmativa poderá ser reforçada por Albuquerque Júnior, que assim se expressa:

A identidade nacional ou regional é uma construção mental; são conceitos sintéticos e abstratos, que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas (...). A história regional participa da construção imagético-discursiva do espaço regional, como continuidade histórica (...)³⁴.

Portanto, a partir da noção de memória e a construção de uma determinada identidade, podemos expor que, de uma maneira ou de outra, cada grupo ou sociedade, empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus

³³ HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. ed.2. Paris: Presses Universitaires de France Paris, 1968, p.34.

³⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago. ed. 2. Recife: FNJ, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, p.27-28.

membros, ou melhor, procuram reformular seus espaços e, contudo, garantem seu regionalismo através da invenção de suas tradições.

A partir dessa idéia de “produção imagética” de uma tradição, trataremos da construção da identidade do município de Caicó e tentaremos expor os elementos que contribuíram para a formação de uma imagem caracterizadora do município. Destacaremos o processo de construção da identidade caicoense, que toma como ponto de partida, a construção de uma memória histórica centrada na economia colonial da capitania, a qual estava organizada em função dos interesses do capitalismo comercial através da produção do açúcar, desenvolvendo, como atividade auxiliar à pecuária, o complemento das atividades da Zona da Mata fornecendo carne, couro e o próprio animal para o trabalho.

Sem dúvida, foi a partir da expansão da criação de gado que se deu o povoamento do Sertão do Seridó e, conseqüentemente, a ele se atribui a origem da cidade de Caicó. No discurso da historiografia regional, o Seridó destacou-se, a partir de sua colonização, por uma economia assentada na pecuária e mais tarde no século XIX, pela cotonicultura que, irá representar forte impulsionador do desenvolvimento urbano do município caicoense. Essa forma de ver a região toma como de partida uma colonização “invasora” que repercutiu numa miscigenação de culturas proporcional ao surgimento de novos hábitos e costumes. Essa inovação cultural trazida pelos colonizadores abre espaço para a construção de uma suposta identidade que caracterizaria a imagem de seu povo. O espaço histórico de ocupação está dividido em marcantes batalhas entre brancos e nativos resultando em sangrentas vitórias dos colonizadores bem como pelo surgimento de alguns municípios, fato discutido no capítulo anterior sobre a ocupação do sertão norte-rio-grandense.

Com o município de Caicó não seria diferente. A colonização do Seridó proporcionou uma inovação na economia. Esse desenvolvimento soma-se aos aspectos históricos da região como: a pecuária baseada no latifúndio, atingindo sua especialização e expansão no século XVIII, como base econômica do domínio social da camada proprietária da região; a economia algodoeira, a partir do século XIX, destacando-se como forte fator de crescimento econômico, tornando-se um período de transformação e desenvolvimento urbano; por fim, a religiosidade representada pela edificação da igreja, o que se tornará elemento primordial no povoamento da cidade do Caicó, não sendo diferente das demais construções antigas das vilas em todo o Brasil Colonial.

Não estamos neste contexto fazendo uma repetição de todo o processo de colonização e desenvolvimento da região, para isso há várias obras que tratam esses aspectos, mas, expor a maneira pela qual os que se interessaram em contar a história da cidade, expressaram essa construção identificatória da região, e, como consequência, uma caracterização para o município.

No que se refere as “origens do município” podemos destacar, em princípio, forte presença dos estabelecimentos de fazendas de gado na região o que caracteriza esta colonização, onde se destacará a figura do “vaqueiro”, comentada no capítulo anterior, relacionada à história lendária do município. Segundo a historiografia local, a criação de gado tornou-se elemento principal para o processo de ocupação da região do Seridó, além de caracterizar a economia local e estabelecer as relações sociais entre os personagens da época que marcaram a história desse tempo.

De fato, a presença marcante da pecuária, contribuiu para o desenvolvimento da região do Seridó, bem como, para o surgimento da cidade do Caicó. Contudo,

vale ressaltar, que não se pode colocar como responsável por todo o desenvolvimento da região, em especial da cidade de Caicó, isso porque nestas histórias outros personagens e outras atividades são esquecidos: a pequena produção agrícola, o pequeno comércio, as atividades extrativas e artesanais são marginalizadas da memória da cidade.

Se bem analisarmos, outros elementos constituíram o cenário econômico e cultural do município. Podemos encontrá-los em narrativas publicadas em Monteiro, o qual, enfatiza desde meados do século XIX, outros fatores econômicos que, conseqüentemente, favoreceram também ao desenvolvimento regional.

Caicó é importante na exportação de couros e de peles, na fabricação de queijos conhecidos em todo o Nordeste como os melhores. Produz a mamona em quantidade, e explora a semente da oiticica na fabricação do óleo.³⁵

Vale ressaltar que, um dos pontos de partida do processo de desenvolvimento, desta vez do espaço citadino, é reconhecido como sendo a edificação da igreja por volta de 1800. Daí em diante, surgiram novos lugares públicos, de importância para a vida social do núcleo em formação, de modo que ainda no século XIX, já existiam alguns serviços de interesse da coletividade, instaladas em Caicó, dentre eles, a 1ª Escola Primária. No aspecto educacional, um fato de relevância foi a criação da Escola de Latim de Caicó, iniciativa do Pe. Francisco de Brito Guerra em 1802. A escola foi mantida durante 52 anos, vindo a encerrar suas atividades em 1888.

Certamente, o prolongamento do ciclo do gado, a partir da segunda metade do século XVII até o final do século XIX, provocou a ocupação branca no sertão

³⁵ MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.28.

seridoense surgindo, então, um novo componente na economia da região. As condições de solo e de clima favoráveis possibilitaram a expansão da cotonicultura como fator complementar da produção pecuarística.

As origens do algodão seridoense são discutidas ainda em nossos dias, havendo hipóteses de ser planta da Serra da Formiga, outra de que veio do Egito através da Paraíba; esta se tornou uma opinião de maior conciliação, pois, acha-se ter miscigenado com uma outra espécie selvagem encontrado pelos antigos no Seridó.³⁶

Contudo, existe na região do Seridó o algodão “Mocó” caracterizado como diferente das outras variações e que será usado como um símbolo regional pela produção discursiva de suas elites.

Um cidadão acariense de nome Francisco Raymundo de Araújo, falecido em 1940, residente na fazenda Epinal, vulgarmente conhecida por “Água Doce”, deixou registrado preciosa alusão sobre a origem do algodão no Seridó. Tal registro encontra-se transcrito em dois livros sobre a região do Seridó. O primeiro deles, Sertões do Seridó, de Oswaldo Lamartine; o outro, O Seridó na Memória de seu Povo, de Aauto Guerra Filho. *“O sábio empírico, como era conhecido, assim relatou seu testemunho: “Quem primeiro trouxe, para o Seridó, sementes de algodão para cultivo e negócio foi Alexandre Garcia do Amaral, vulgo Alexandre Menino, morador do rio São José município de Acari. “Matuto” que negociava com carne e queijo para Recife, numa dessas viagens, em 1861, trouxe sementes de algodão de duas espécies: quebradinho e herbáceo. Em 1887, deram-me um pouco de sementes preta e miúdo e plantei na mesma época (...). Cândido Fernandes de Araújo, vulgo Cândido Coxo, morador no rio São José, município de Acari, indo a Bananeiras –*

³⁶ FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine. Caicó. Natal: FJA / CEPEJUL, 1982, p.27.

Estado da Paraíba, hospedou-se em casa de seu amigo João Marques, residente em Chã do Moreno, município de Bananeiras, este, indo ao porto daquele Estado comprar uma arroba de sementes vindas do Egito, (...). Deu um punhado ao seu hóspede que as plantou em seu sítio. Em visita à fazenda Epinal, no ano de 1921, um técnico britânico, Sr. Arno Pearce, contactou com o Sr. Francisco Raymundo de Araújo, oportunidade em que o renomado seridoense relatou seu conhecimento teórico e prático. Impressionado, o Sr. Pearce comentava com sua equipe: "como pode um homem rude entender tanto!". E, numa conferência, classificou-o de sábio empírico. Ao retornar à Inglaterra, escreveu um livro dedicado ao algodão brasileiro, no qual fez merecidos elogios ao Sr. Francisco Raymundo de Araújo. Ainda com referência à visita do técnico britânico à fazenda Epinal, o mesmo doou dezessete mudas do algodão "Sea Island" para que ele as plantasse em sua fazenda documentando o seu desempenho".³⁷

Sobre a expansão industrial proporcionada pela economia algodoeira, Eymard Monteiro expressa, através de seus relatos, que:

(...) a indústria é, indiscutivelmente, o algodão. Principalmente o tipo clássico MOCÓ. Esse algodão é conhecido no mundo inteiro e é cultivado com interessado esmero, em grande escala, pelos agricultores.³⁸

A indústria algodoeira no Seridó, bem como no Norte brasileiro, teve franca ascessão por ocasião da "Guerra da Sucessão". Por causa da guerra, o mercado algodoeiro dos Estados Unidos entrou em decadência e, então, os ingleses vinham comprar algodão no Brasil. O Seridó tornou-se grande exportador desse produto.

³⁷ Depoimento concedido pelo autor Aduino Guerra Filho em 20 de dezembro de 2004.

³⁸ MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.28.

No século XIX, surge uma conjuntura internacional que determinou a expansão do cultivo de algodão no Seridó e, conseqüentemente, a elevação do seu preço no mercado exportador. A conjuntura da Guerra da Secessão nos Estados Unidos mudou o relacionamento político-econômico dos Estados Unidos com a Inglaterra, os quais preferiram abastecer suas indústrias têxteis com o algodão do Egito e, ao mesmo tempo, incentivaram a expansão da cotonicultura no sertão seridoense.

A delineação desse novo quadro na economia nacional (associado a uma conjuntura desfavorável em nível internacional) trouxe perspectivas à cotonicultura nordestina que, a partir de 1880, passou a direcionar sua produção para o mercado interno. No Rio Grande do Norte, o processo de reorientação da produção para o mercado nacional assinalou a expansão da cotonicultura no Estado.³⁹

A pecuária, drasticamente afetada pela seca, perdeu para o algodão a supremacia como atividade preponderante. Os fazendeiros passaram a dar maior crédito à cotonicultura devido às condições de mercado que se mostravam mais favoráveis. Vale salientar que o fim do “ciclo do gado”, no final do século XIX, e a emergência do algodão como novo componente da economia norte-rio-grandense não significaram a erradicação da atividade criatória.

Apesar das crises, bem como dos períodos normais de produção, o algodão ultrapassou décadas proporcionando aos sertanejos boa rentabilidade em seu cultivo. No ano de 1924 foi criada pelo Governo Federal a Estação Experimental de Cruzeta com a finalidade de melhorar o sistema de produção do algodão Mocó através de experiências feitas por equipes técnicas. O professor e escritor Aauto Guerra Filho, em seu livro “O Seridó na Memória de seu Povo”, registrou o discurso

³⁹ DINIZ MORAIS, Ione Rodrigues. *Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1999, p.53.

do deputado José Augusto Bezerra de Medeiros, proferido na Câmara dos Deputados em 28 de Outubro de 1953, o qual dizia:

(...) nas aluviões restantes nas colinas melhores, onde há algum solo, próspera o admirável algodoeiro Mocó, um dos mais interessantes vegetais do país. Este algodão, o Mocó, de fibra longa, sedosa, resistente, o melhor do Brasil, um dos melhores do mundo, constitui desde muitos decênios, a maior riqueza, a fonte principal de vida da população seridoense, tendo este muito superado a criação de gado, que foi o motivo inicial do povoamento.⁴⁰

Vale ressaltar que os autores destas últimas citações, bem como, os demais que se dispuseram a construir a historiografia de Caicó, estão inclusos na sucessão dos cultores das “tradições” seridoenses. O professor e escritor Aduino Guerra Filho, por exemplo, descende de duas famílias históricas do Seridó: os Brito Guerra, cujo maior expoente foi o Pe. Francisco de Brito Guerra, Senador do Império, pela Província do Rio Grande do Norte, e os Vales, descendentes do patriarca João Maria Vale, natural de Lisboa. Muitos desses, descendentes de famílias influentes no Seridó, construiu ou ainda constróem a memória, como sendo memória de sua cidade.

Durante a década de 60, a cotonicultura viveu momentos de grandes crises periódicas causadas pela concorrência dos fios sintéticos empregados nas fábricas de tecidos, reduzindo os lucros dos agricultores. Em toda a região, na época, notou-se um decréscimo na produção de algodão. Entre 1960 e 1964, a produção da região diminuiu em torno de 48% e, no último período de 1966 a 1971, ocorreu uma estagnação de produção.

A configuração desse quadro propício à cotonicultura foi responsável pelo fortalecimento da região do Seridó e, particularmente, da cidade de Caicó no cenário

⁴⁰ GUERRA FILHO, Aduino. **O Seridó na memória de seu povo**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001, p.16.

da economia estadual, disso não se tem dúvidas, pois, considerando que a economia no Rio Grande do Norte, nesse período, estava direcionada à produção do algodão mocó, tem-se o Seridó, pelas suas características climáticas e condições de solo, como a região de referência em termos de cotonicultura potiguar.

Em meio a todo esse processo de colonização e desenvolvimento econômico, vale ressaltar ainda um outro lado da memória histórica da origem do município caicoense, desta vez, em outra “versão”. No que se refere à implantação da pecuária, voltamos a nossas raízes para destacar alguns personagens que faziam uso dessa economia e, conseqüentemente, tiveram também, sua importância na história de origem da região.

Alguns historiadores descrevem a história de Caicó, como não podia deixar de ser, começaram pelas lendas. Mas ao lado das lendas, a “história oficial” da cidade do Caicó faz também seu relato. Detivemo-nos, para explicitar essa versão no livro de (Eymard Monteiro – Subsídios para a História de Caicó-1945). Isso não significa querer subestimar os demais, apenas notamos que muitos, ao se aventuraram nessa empreitada, foram repetidores do legado deixado por esse notável estudioso e escritor da cidade de Caicó, visto que os atuais pesquisadores se fundamentam nele. O próprio Eymard, ao descrever sobre Caicó, utilizou-se não só dos relatos orais dos mais antigos, mas de Manoel Dantas em seu livro “Denominação dos Municípios - 1922”, um dos primordiais trabalhos a respeito da história de origem de Caicó, como fonte de informação.

Para Monteiro, após a transcrição em seu livro da história lendária de Caicó baseado como antes dito em Manoel Dantas e a memória oral dos mais antigos, concluiu-se que a cidade começou pela construção de sua capela e, enquanto se passavam os anos, casas iam sendo edificadas em torno dessa capela. Muitos

construíam porque queriam ver a capela do “fazendeiro” salvo milagrosamente por Sant’Ana outros pelo local atrair pela fecundidade dos terrenos banhados por dois rios que os cercavam em pouca distância. Depois que a capela foi transformada numa igreja e começou a aumentar o número de habitantes, as casas foram erguendo-se de forma mais sólida e em alinhamentos, originando, assim, a primeira rua construída. De certo é o que se sabe sobre Caicó, mas em uma opinião particular, Monteiro expõe sua versão.

De acordo com o que já foi citado a respeito das fontes colhidas para a construção de sua obra, Monteiro refaz a história oficial da cidade baseado num relato do Sr. Adelino Pereira de Medeiros, um dos mais antigos caicoenses da época de sua pesquisa; e a partir de suas informações, constrói uma nova historiografia para a cidade. Assim sendo, apresentamos preciosas informações sobre o referido tema narrado por Eymard Monteiro:

Em 1725 Manoel de Sousa Forte mandou edificar a Capelinha e nela colocou um pequeno vulto de Sant’Ana. (...) Este, residia às margens do rio Seridó possuindo uma grande fazenda de escravos e muitos haveres. Nos anos de seca a água se tornava muito difícil e o gado tinha que ir beber num lugar chamado “Pelo Sinal” a duas léguas de distância. Católico, não hesitou em fazer um “voto” a Sant’Ana, prometendo-lhe de erigir uma Capelinha, caso encontrasse água com facilidade no leito arenoso do rio seco. Notando depois umidade no pé de uma pedra, exatamente onde é hoje o Poço de Sant’Ana, cavou e a água apareceu à flor da terra. O fazendeiro cumpriu a promessa e construiu a Capela.⁴¹

Sobre o touro lendário ou do vaqueiro diz não saber com precisão; apenas ser um engano a opinião dos que atribuem a outro português chamado Gama, a fundação da cidade. Este, por sua vez, esteve na região vindo de Goiana no Pernambuco, onde residia, após a retirada de Manoel de Sousa Forte para lá. O fato

⁴¹ MONTEIRO, Eymard L’E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.15-19.

de sua retirada ocorreu por volta de 1730 quando o mesmo ouviu dizer que, pelo Rio de Janeiro ocorreram alguns conflitos de tropas militares, o qual, os boatos lhe aterrorizaram repercutindo por essas regiões. Com medo, Manoel de Sousa Forte retirou-se para Goiana, doando a Sant'Ana várias léguas de terra. Foi então que o português Gama habitou anos pela região e "erradamente" dizem ter sido ele o fundador do Caicó. De certo lhe pode ser atribuído grande contribuição para a habitação do lugar. Gama era solteiro e ao morrer deixou também para Sant'Ana todas as terras que possuía.

Para Monteiro,

Manoel de Sousa Forte foi, pois, pode-se dizer, o fundador de Caicó, somente pelo fato de ter mandado construir a Capelinha, num lugar onde já havia a casa de sua fazenda e os abrigos dos inúmeros escravos que possuía. Gama foi como que seu continuador cabendo-lhe, aliás, um nome quase semelhante, pois é inegável a sua influência na formação do povoado.⁴²

A outra versão a respeito do surgimento da cidade de Caicó, e atualmente a mais aceitável, remete à origem da cidade à antiga Casa Forte do Cuó, edificada com o objetivo de ser uma fortaleza que iria abrigar as tropas em combate aos indígenas revoltados. É o que expressa Olavo de Medeiros Filho:

No ano de 1683, já fora construída uma casa forte, conhecida como Casa Forte do Cuó, do Acauã ou do Seridó. Fora a mesma edificada em conseqüência de haver eclodido um levante do gentio tapuia contra a presença dos brancos no sertão da Capitania. A Casa Forte do Cuó foi construída no sítio Penedo, nas proximidades do poço de Sant'Ana, na atual cidade de Caicó. Na época, o rio Acauã (chamado pelos tapuias de Queiquó) era considerado o principal, sendo o Rio Seridó um mero afluente. Havia também a serra do Queiquó, depois chamada de Samanaú, hoje São Bernardo.⁴³

⁴² MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.15-19.

⁴³ MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos Inventários do Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1983, p.4.

O local onde teria sido construída a Casa Forte do Cuó seria o mesmo lugar onde foi fundado, em 1700, um arraial sob a designação de “Arraial de Acauã”. O referido Arraial foi elevado à condição de Povoado, sendo aí solenemente instalada a “Povoação do Caicó”, na fazenda Penedo, pelo Coronel de Cavalaria Manoel de Sousa Forte, conforme consta em ata datada de 7 de Julho de 1735.⁴⁴

Ao analisarmos essas narrativas, observamos que grande parte dos que narram esse percurso histórico, detém-se em mostrar apenas uma dada memória, muito “usada” e, conseqüentemente, aceita pela maioria dos que a utilizam. Não podemos esquecer que, junto a esses personagens da época, outros existiram e contribuíram para a formação dessa cidade, ou melhor, vários foram os personagens, representantes de agricultores, antigos habitantes, entre outros, que também utilizaram em suas terras a prática da pecuária, bem como, fez uso da “boa fé” em doar parte de seus bens a Igreja, ou mais precisamente a “Sant’Ana”. Portanto, eis que só Manoel de Souza Forte, ou seu primo Gama, tornaram-se principais elementos nesse contexto de origem histórica do município. Será por ter sido personagem de grande “posição social”, ou melhor dizendo, rico fazendeiro português, coronel de cavalaria, proprietário de várias extensões de terras? Ou apenas por ter construído, como era de costume, uma capela em sua propriedade?

Outra versão sobre a fundação de Caicó é dada por D. José Adelino Dantas, em sua obra “Homens e Fatos do Seridó Antigo”, que diz ser o português Manoel Fernandes Jorge o fundador de Caicó, mandando construir a capela de Sant’Ana em 1748. Seu argumento firma-se no registro que encontrou num dos livros de óbito da

⁴⁴ MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos Inventários do Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1983, p.141.

Matriz de Sant'Ana. Esse documento ressalta a condição de "fundador e benfeitor" da Matriz de Sant'Ana do referido Manoel Fernandes Jorge.⁴⁵

Apesar das divergentes histórias, as lendas e a memória histórica convergem no que se refere a colocar à Igreja como uma força central capaz de unir sua população, assumindo um papel importante no processo de ocupação e colonização de Caicó. Além da pecuária, constituiria uma outra marca que não se poderia apagar da história do município, o espírito de religiosidade dos povoadores, expressado por Ione Diniz:

(...) desde o início, de forma lendária ou não, vincularam a história do lugar a uma história de fé, cuja expressividade pode ser percebida por meio da devoção a Sant'Ana e da construção da Igreja.⁴⁶

De fato a Igreja exerceu, na fase do povoamento do território nacional, uma força "centrípeta", sobre as populações rurais, que através de seus trabalhos, assim como as festas de seus padroeiros, mantiveram intercâmbio entre o meio rural e os vilarejos, incentivando o crescimento dos núcleos urbanos.

Uma vez ereta a capela de Sant'Ana e iniciadas as primeiras construções, o município foi crescendo até ser constituído Povoado em 1748. A atual cidade, primitivamente chamava-se "Povoado Seridó" conforme alvará de 1748, o qual lhe deu esta denominação, permaneceu até 31 de julho de 1788, data em que foi elevada à categoria de Vila, chamando-se de "Vila Nova do Príncipe". Foi nessa data que se oficializou a emancipação administrativa do Seridó pelo alvará que criou o município com a denominação de "Vila Nova do Príncipe".

⁴⁵ DANTAS, D. José Adelino. **Homens e Fatos do Seridó Antigo**. Garanhuns: O Monitor, 1961, p.11.

⁴⁶ DINIZ MORAIS, Ione Rodrigues. **Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1999, p.42.

Foi pela lei provincial nº 612 de 15 de Dezembro de 1868 que de Vila passa a ser "Cidade do Príncipe", mudando depois para o nome de "Seridó", através do decreto nº 12 de Fevereiro de 1890, no governo provisório; topônimo este, que teve não mais de cinco meses, pois, o decreto nº 33 de Julho do mesmo ano estabeleceu que o Seridó passaria a chamar-se de "Caicó", nome atual.

Analisando, pois, todo o processo de ocupação e povoação do Caicó, nota-se que ao ser elevado à condição de Vila em 1788, o município teve sua delimitação estabelecida, mas, só a partir do ano de 1833, ocorre um início do processo de desmembramento que originou os demais municípios seridoense.

A cidade de Caicó, apesar das divergências quanto ao local de sua fundação, ou seja, se a Casa Forte do Cuó ou a Igreja Matriz, teve, nesta última, um marco para sua organização urbana. A estruturação para seu núcleo urbano, com a construção de casas e conformação de ruas, desenvolveu-se, de fato, a partir da construção da Matriz de Sant'Ana, localizada em áreas bastante próximo à margem esquerda do rio Seridó.

Podemos ainda, expor um outro fator que repercutiu para o crescimento de seus espaços, a existência de grandes poços, com água potável e abundante, que asseguraram aos seus habitantes, uma condição também, indispensável para o crescimento citadino.

Não sei se nos convém ressaltar o significado do nome Caicó, mas, já que estamos analisando a construção de sua identidade, desde as narrativas lendárias de sua origem ao seu desenvolvimento histórico, vale a pena observar, pelo menos em caráter de curiosidade.

A origem do nome Caicó encontra-se na língua indígena, e dentre as várias versões existentes sobre a mesma, a mais aceitável, atualmente, é a que defende

sua gênese a partir dos termos Acauã e Cuó, que são sinônimos e servem à designação de acidentes geográficos (rio e serra) da região. O primeiro termo (Acauã) pertence ao idioma tupi, enquanto o segundo (Cuó) pertence à língua dos tapuias tarairiús. Esses indígenas ainda identificavam rio pelo nome de “quei”. “Dessas constatações, presume-se que “Caicó” é uma corruptela de “Queiquó”, termo tarairiú significando rio do Cuó; o mesmo Acauã, pelo tupi”.⁴⁷

Não se sabe, com certeza, a origem da palavra Caicó. Segundo Eymard Monteiro, através de um diálogo com Câmara Cascudo diz que:

A palavra não é de origem Tupi, por causa dos índios Cariris que por aí habitavam. (...) Caicó poderá ter vindo de Caá-icó, monte escavado ou Cai-icó, macaco esfolado. De qualquer forma, os índios teriam denominado a localidade de “Macaco Esfolado” (Cai-icó) por causa de serrotes nus de que a mesma se achava cercada. Caá-icó, diz Câmara Cascudo, pode, ainda, significar roça da capoeira, mata dos macacos, folha do icó ou mata de icós.⁴⁸

A diversidade de significados existente nas variadas narrativas sobre o nome Caicó, leva-nos a crer e observar que, até o mesmo o significado indefinido do nome Caicó, repercutiu também, para uma construção ideológica em torno da história do município, ou seja, os próprios estudiosos, pelo menos em meu ponto de vista, utilizam-se do nome da cidade para se fazer uma espécie de símbolo em cima de uma imagem lendária anteriormente analisado no primeiro capítulo.

Os relatos históricos sobre a cidade de Caicó nos leva a ressaltar um outro marco de grande importância na construção de sua memória, ou seja, referimo-nos aos fatos relacionados à devoção a santa padroeira protetora do vaqueiro lendário, e na edificação da Igreja, ambos iniciantes de toda uma história que até nossos dias

⁴⁷ MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos Inventários do Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1983, p.144.

⁴⁸ MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999, p.23.

repercute como característica principal de cultura regional. As narrativas, tanto lendária quanto oficial, mostram que à devoção a Sant'Ana tornou-se um elemento contribuidor, para a construção da identidade caicoense, ou melhor, o culto a Sant'Ana em suas "famosas" e "tradicionais" festas religiosas promovem uma verdadeira transformação no que se refere à cultura local. Para isso obtivemos como fonte de estudo a tese de mestrado da Professora Maria Eugênia Dantas Retalhos da Cidade: revisitando Caicó, por se tratar de uma multiplicidade discursiva do espaço citadino.

É importante salientar que, o discurso e fontes utilizadas pela referida pesquisadora, encontra-se nos relatos orais "absorvidos" de uma diversificada "massa popular", ao qual está composta por personagens que viveram o Caicó de antigamente, especificando, as diferenças e os progressos que sofreu esse espaço contemporâneo principalmente em sua religiosidade.

Dentre os temas abordados, a festa em comemoração aos padroeiros toma feitiço de maior evento por marcar a religiosidade do povo seridoense apegado, ainda, às tradições católicas dos seus ancestrais portugueses. Na cidade de Caicó não seria diferente, pois, diversas são as festas a serem comemoradas; contudo, uma se destaca das demais tornando-se marco de distinção à cidade, ou seja, a festa de Sant'Ana. Para melhor compreender a respeito da "devoção" à santa padroeira, vale ressaltar o percurso pelo qual se deu sua "veneração".

O culto público a Sant'Ana vem de séculos bem anteriores. Data do ano de 1378 a aprovação pela Santa Sé em que o papa Urbano VI permite aos católicos da Inglaterra sua reverência. Em 1584, por Gregório XIII, foi confirmada essa aprovação e fixada a festa de Sant'Ana para o dia 26 de Julho.⁴⁹

⁴⁹ FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine. Caicó. Natal: FJA / CEPEJUL, 1982.

Anteriormente citado, o culto a Sant'Ana foi introduzido no Brasil, pelos colonizadores portugueses que, ao transmitirem de geração a geração essa devoção, espalhou-se por muitas regiões, inspirando, também, sua reverência ao povo do sertão potiguar e paraibano. No Seridó, a devoção a Sant'Ana é prestada desde 26 de Julho de 1748 (data em que a Igreja e o povo do Seridó começaram a celebrar as festas de sua padroeira).

Através do tempo, a festa de Sant'Ana tornou-se o maior acontecimento sócio-religioso, não apenas do município de Caicó, mas de toda a região seridoense. Daí, a razão que, segundo alguns personagens da região, dizem ser o evento que representa hoje a festa da família, do encontro, da recordação, da esperança; enfim, simboliza a festa do amor e da fé.

O crescimento desse acontecimento sócio religioso, poderá estar atribuído a alguns fatores já discutido nesse trabalho, ou melhor, percebe-se que uma determinada "classe dominante", pelo menos em meu ponto de vista, utiliza-se em parte, do contexto histórico em torno das narrativas de origem do município para manter e proliferar certas tradições. Quando nos referimos a uma classe dominante, damos ênfase aos que se utilizam dessa memória histórica da região, ou seja, a Igreja, as famílias "tradicionais", bem como o contexto político que envolve o cenário religioso.

Nesse contexto de "fé e devoção", podemos atribuir o surgimento da cidade ao símbolo maior de toda a história regional, ou seja, a Igreja. Nela os caicoenses vivem, ano a ano e cada vez mais, os dez dias mais festivos. A parte religiosa inicia-se com a passeata de abertura e o hasteamento da bandeira, no pátio da igreja, prosseguindo as atividades com a realização do novenário, culminando no dia com a

procissão de encerramento que, junto a milhares de fiéis, percorre as ruas da cidade, numa demonstração de amor e devoção a Sant'Ana.

Salve Sant'Ana gloriosa,
Nosso amparo e nossa luz.
Salve Sant'Ana ditosa,
Terno afeto de Jesus.⁵⁰

Toda essa devoção vem sendo registrada em periódicos locais que enaltecem, cada vez mais, a devoção e o espírito religioso do povo caicoense. Nesse intento, a Professora Eugênia Dantas faz referência, em suas pesquisas, a fontes do jornal "A FOLHA", um semanário local que circulou nos anos de 1950 a 1960 o qual registrou as seguintes crônicas:

Nesta festa de Sant'Ana, quando todos rezam e se vestem, eu que já me encontro de cabelos brancos, recordo o passado, as festas de meninice. Como são diferentes! Naquele tempo a cidade que terminava onde hoje se encontra o mercado ficava apinhada de gente. Na alvorada chegavam das fazendas as famílias com cavalos gordos e bem tratados... Era bonito ver-se a entrada da alvorada na manhã de quarta-feira, pois as viagens se faziam de madrugada para evitar o calor do sol. Durante o novenário, saíam as passeatas. As moças vestidas de branco sem decotes, com mangas que desciam baixo dos cotovelos, usavam largas faixas de fitas azul ou encarnada de acordo com as suas preferências. Era a rivalidade de cores que despertava tanta emulação...⁵¹

A crônica publicada no jornal da época, mostra uma das muitas festas de Sant'Ana que vão sendo modificadas diante das muitas transformações que se processaram na cidade. Mesmo sendo difícil identificar, é possível dizer que as imagens da festa da época, possam também estar refletidas na festa de Sant'Ana de hoje, mesmo que de forma diferente, com as características do nosso tempo.

⁵⁰ Segundo o pároco, Antenor Salvino de Araújo, a letra dessa música é antiquíssima. Era cantada pelos sertanejos da região. Por volta de 1936, a Senhora Palmira Wanderley deu uma forma ao hino, corrigindo-lhe o português, além de acrescentar, suprimir ou até trocar alguns termos ou palavras. Não se conhece o seu verdadeiro autor.

⁵¹ DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da Cidade: revisitando Caicó**. Natal, 1995, p.98.

Outro ponto complementar na caracterização da festa de Sant'Ana encontra-se no espaço reservado, durante os festejos, para a venda de comidas típicas da região, a famosa "Feirinha de Sant'Ana". Para melhor expor sobre esse espaço, a professora Eugênia Dantas, registrou o seguinte relato:

Sempre na última Quinta-feira da festa realiza-se a chamada "feirinha de Sant'Ana", que hoje, diante das dimensões tomadas, não pode ser mais assim invocada. Antes ela se realizava ocupando as ruas Coronel Manoel Vale ou rua da "Feira das Frutas", ao lado do Morro da Graça. Há 15 anos atrás foi transferida para a "Praça da Catedral" e hoje se espalha tomando todas as suas adjacências. Assim quando a "Banda Recreio Caicoense" ou "Furiosa", como é folcloricamente denominada, desce as ruas da cidade acompanhada por seus fiéis seguidores, a "Feirinha de Sant'Ana" já está com quase todas as iguarias prontas para serem degustadas. Galinha caipira, paçoca, panelada, buchada, filhós, arroz de leite, queijo de manteiga derretido, bolo de batata, doces regionais compõem o cardápio preparado por exímias cozinheiras locais. Padre Antenor Salvino de Araújo, há 36 anos pároco, define esse evento como um "belo encontro"; aliás, para ele, a festa de Sant'Ana significa o momento em que as famílias seridoenses voltam a se encontrar restabelecendo os antigos laços que o tempo e a distância cortaram, com a partida de muitas pessoas daqui para outras regiões do país.⁵²

A festa tem a simplicidade das práticas religiosas e a ousadia dos atos profanos, atualmente, um aspecto muito forte. Esses são os elementos que vão sendo dispostos, mantendo a tradição de tempos remotos, articulando as transformações necessárias ao momento e as exigências dos que dela participam. Segundo relatos orais, as transformações ocorridas, no decorrer dos tempos, no que se refere à festa de Sant'Ana, deixam transparecer, para aqueles que viveram as saudosas e primeiras comemorações, as lembranças de um tempo que só a memória é capaz de descrever. Para alguns, a festa de hoje não é a mesma de outrora, pois, naquela época, assim diziam, por volta de 1940, era só novena. Quando terminava, o povo ia para a praça andar, não havia nada de barracas de comidas ao redor. Era também proibido bailes. Após as novenas, sempre havia um

⁵² DANTAS, Eugênia Maria. *Retalhos da Cidade: revisitando Caicó*. Natal, 1995, p.100.

leilão (atualmente realizado nas noites de novena). Começaram a aparecer os parques, pois antes só existiam os carrosséis que eram empurrados à mão. Era uma casa de jogo, um barzinho, a banda de música tocando no coreto até as 10 horas, devido à luz a motor apagar nesse horário.

A maneira pela qual a professora Eugênia, bem como, as diversificadas obras que enfatizam a história de Caicó, abordam sua memória, está em um perfil, que ao meu modo de ver, repetem sempre a mesma historiografia, muitas vezes, utilizando as mesmas fontes, não que isso seja de menor significação, ao contrário, possui sua importância a partir do momento em que se pretende analisá-las de maneira construtiva; contudo, difere do intuito desse trabalho, que, além de esboçar o processo de desenvolvimento urbano, através da memória histórica, procura mostrar como se deu sua construção.

Em decorrência de sua trajetória, a cidade de Caicó aparece neste contexto como centro regional do Seridó. Suas condições permitem classificá-la entre as cidades de porte intermediário. Dessa forma, a importância da cidade, no cenário urbano regional e do Estado, já serviu de justificativa à realização de alguns trabalhos científicos. Acrescenta-se, pois, que, em um passado ainda recente, Caicó obteve projeção política e econômica em função da qualidade da fibra do seu algodão e, ainda, como centro de convergência da produção algodoeira para fins de beneficiamento.

Essa projeção se deu em um contexto no qual o Estado tinha na cotonicultura, principalmente no algodão-mocó, a base de sua economia. A importância da cidade no quadro da economia estadual rendeu-lhe dividendos políticos, com rebatimento em sua organização espacial com o aprimoramento de suas condições infra-estruturais.

Neste contexto a memória histórica de Caicó é construída a partir dos elementos que contribuíram, ou ainda, contribuem para o seu desenvolvimento urbano proporcionando-lhe uma certa identidade. A maneira pela qual expressaram essa memória em torno da cidade foi que nos determinou a observá-la e analisá-la de maneira mais crítica. Caicó está inserida no conceito de memória a partir do momento em que, parte de sua comunidade dispuseram-se a “reviver” suas lembranças, bem como, preservam seus espaços através das restaurações de seus patrimônios, ou melhor, quando colocaram em prática suas tradições, colocaram também em “vida” um passado que por hora poderia estar ameaçado de esquecimento da memória coletiva de sua comunidade.

CAPÍTULO III

3. CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

A partir do perfil da cidade de Caicó, que aparece na exposição dos elementos que caracterizaria a região, podemos analisar os relatos da história do município, na perspectiva de mostrar como se deu a construção de sua identidade. Há quem afirme ter o Seridó cultura própria. Porém, mesmo pertencendo a uma região que se assemelha como um todo, suas cidades se distinguem nas suas particularidades. Como descrever o Caicó de hoje e aquele dos tempos atrás? O que mudou ao longo dos anos? O que caracterizaria, hoje a cidade de Caicó? Nisto consiste o estudo da identidade desta cidade.

O município de Caicó localiza-se na Microrregião do Seridó Ocidental, inserida na Mesorregião Central Potiguar, no Estado do Rio Grande do Norte. Com uma extensão territorial de 1.220,4km², constitui-se no maior município da região do Seridó e no sexto município do Estado em termos de área. De acordo com sua localização geográfica, o município está inserido em pleno semi-árido nordestino, no "Sertão do Seridó", região caracterizada pela escassez e instabilidade das chuvas, altas temperaturas, baixa umidade e uma paisagem marcada pela vegetação da caatinga. Sua caracterização geográfica torna-se um dos elementos de sua identidade, ou seja, o município caicoense está inserido no cenário geográfico do Seridó possuindo uma paisagem, aspectos naturais, que são tomados como elementos característicos de sua identidade.

Seu patrimônio histórico e cultural é constituído pelo "Poço de Sant'Ana", a Catedral, a Casa de Pedra, o Sobrado do Padre Guerra, a Praça do Mercado (hoje Praça da Liberdade), a Cadeia Velha (hoje Museu do Seridó), o Riacho da Fortuna e, avançando um pouco mais no tempo, temos a Prefeitura Municipal, o Colégio

Santa Terezinha, o Colégio Diocesano e o ^Seminário Santo Cura D'Ars, o vapor de Chico Gorgônio, e o Grupo Escolar Senador Guerra, sendo esses elementos representantes "vivos" da construção da identidade da cidade de Caicó. Outras edificações que eram tidas como símbolo da cidade desapareceram, modificando a paisagem da cidade. Uma delas, por exemplo, é a casa do Professor de ^hlatim Manoel Pinheiro de Lima Brasil, demolida por ordem judicial de Augusto Monteiro, em seu lugar tendo sido aberta uma comunicação entre a Avenida Seridó (antigo Riacho da Fortuna) e a Rua do Rosário, hoje Professor Coutinho. Há, ainda, uma igreja evangélica, demolida para expandir as avenidas Seridó e Coronel Martiniano. O Hospital do Seridó, inaugurado pelo Presidente da República Washington Luís em 1926, onde hoje está situada a ^Eestação ^Rodoviária, foi também ^Quartel de Polícia. Ainda o casarão, sede do Jornal "O Povo" destinado a apoiar a Proclamação da República. Tinha como fundadores e mantenedores Olegário Vale, Janúncio Nóbrega, Manoel Dantas e outros, e localizava-se na Praça do Mercado.

O núcleo urbano surgiu a partir da aglutinação de casas ao redor da igreja, da cadeia pública e da praça do mercado. É neste local onde vão ser construídas as primeiras residências, geralmente casas de grandes fazendeiros que muitas vezes permaneciam fechadas, pois, vinham à cidade somente nos períodos de festas, atos religiosos ou eleição. O que parecia ostentação pode refigurar o campo da demarcação do espaço do poder e de toda uma geografia das trocas políticas, econômicas e míticas que vão arquitetando a memória da cidade.

Nos dias atuais, outros elementos são somados a esses iniciais como: o Campus Universitário, o Hotel Vila do Príncipe (antigo Quartel de Polícia, construído no período da Revolução de 1935), o Batalhão de Engenharia, várias casa de saúde, estabelecimentos bancários, comerciais e educacionais, e servindo, ainda,

como sede da Associação dos Municípios do Seridó, traçando-se, assim, um breve perfil da cidade, restando-nos descobrir como as lendas e a memória da cidade foram usadas na elaboração da identidade dessa cidade que conta com cinquenta mil habitantes em números redondos.

A tarefa não é fácil. A cidade do Caicó é a mais antiga de toda a região do Seridó, superando as cidades de Acari e Serra Negra do Norte. Na verdade, os elementos constitutivos da história do município transformaram-no em principal da região, com características peculiares, povoado de gente simples de práticas voltadas para a hospitalidade, de convivência agradável, impregnados de religiosidade, haja vista as histórias contadas por seus ascendentes. Alguns populares falam com entusiasmo sobre as lendas do Poço de Sant'Ana, da "serpente que lá habita", do vaqueiro perdido no mufumbal, enquanto outros se reportam aos seus antepassados, repetem histórias de certos coronéis que, de tão vingativos ou temperamentais, castigavam seus subordinados até à morte, pois, sabe-se, segundo Muirakytan Macedo, que "os criadores de gado faziam uso do trabalho escravo, e se integravam sem nenhuma contradição na sociedade escravista da época"⁵³. Era imperiosa a divisão de classes na região. Segundo D. Zilda da Silva, 81 anos, residente no bairro João XXIII, Caicó-RN, *"Os ricos trajavam ternos de linho e as mulheres seda, cetim e cambraia; os pobres se vestiam com algodãozinho ou chitão, o murim também era conhecido. Os empregados dos ricos nem ousava chegar à sala e, se fosse um negro, nem mesmo era feita alguma referência a ele. Escola? Nem pensar! Quem aprendia era os filhos dos brancos, com professores em casa; os alimentos eram retirados do solo ou vindos com dificuldade de outra região, ninguém falava em sair daqui. Nos dias de feira, eram*

⁵³ MACÉDO, Muirakytan Kennedy de. *A Penúltima Versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*. Natal, 1998, p.32.

*adquiridos produtos para os filhos dos ricos e, caso sobrassem, os criados recebiam agradecidos, demonstrando obrigatoriamente sua satisfação*⁵⁴. Assim:

(...) as famílias de grandes proprietários formavam pequenas “dinastias” plebéias, gravadas nos estudos genealógicos que os membros tardios dessas elites dedicaram-se à porfia, (...), percebermos o peso do domínio social que era exercido pela elite pecuarística e que era, em consequência disso, expresso no delineamento do território de atuação dessas elites(...).⁵⁵

Os mais antigos “povoadores” da região foram o Tenente José Gomes Pereira, Manoel de Souza Forte e o Capitão Inácio Gomes da Câmara, como conta a historiografia da região, apoiada pelos documentos oficiais da cidade. No entanto, a preocupação em questionar o sentido dado à história do município, nos leva a indagações como: porque os nomes de destaque que se responsabilizaram pela estruturação da cidade foram esses e não os de representantes de agricultores, antigos habitantes, nativos, negros, empregados do curral ou das casas da fazenda? Sempre os grandes proprietários de terras, de fazendas ou dos viajantes de outras regiões, ou os chamados desbravadores têm seus nomes citados como pioneiros ou fundadores de cidades? A escassez de fontes referentes ao assunto nos impossibilita responder a essas indagações, limitando-nos a recorrer à história oral ou à consciência coletiva em busca de quaisquer comentários que nos auxiliem a esclarecer sobre fatores históricos que levaram aos descendentes dos antigos caicoenses a aceitar, sem questionar, os nomes dos coronéis de patente adquirida em “troca de favores” ou mesmo às custas de alguns mil réis.

Da história oral se extrai além das lendas, o potencial romântico, criativo, impregnado de emoções, auxiliando-nos diretamente a conhecer a identidade local,

⁵⁴ Depoimento concedido ao autor por D. Zilda da Silva em 04 de janeiro de 2005.

⁵⁵ MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A Penúltima Versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*. Natal, 1998, p.46.

através de sua memória, colocando-nos frente a sua origem, pois é nesse material onde se encontram, decisivamente, as histórias da região e do seu povo, naquela estrutura ancestral num período de tempo em que o acesso aos meios de comunicação eram precários, prevalecendo o caráter dominador, o grito, a condenação, a ordem, sem resistência, sem juízo, sem reivindicações.

Esse universo de saber parece-nos positivo e adequado para nos transportar à época e reviver fatos produzidos naquele espaço, os verdadeiros responsáveis pelas passagens da história.

D. Romana Santos aos 94 anos contava que *“nos arredores da casa de seus avós havia um lobisomem que somente era conhecido pelo dono da fazenda e da sua mulher e ‘ninguém sabe o motivo’, os dois amanheceram mortos, juntos à cancela, ‘sem ver de que’, só se sabe que depois disso, o lobisomem sumiu e seus avós começaram a plantar, criar alguns animais e até construíram certo patrimônio”*.⁵⁶

“São os mitos que carregam a história nas costas” – como comenta seu Sebastião Araújo 78 anos, popular – *“o mito parece buscar a própria vida, mergulhar na identidade, remexer os anseios mais escondidos. O que seria da história sem eles!”*⁵⁷

Com um breve mergulho nesse tipo de história, ou seja, nas raízes construídas a partir da oralidade, é possível uma compreensão, mesmo que superficial da divulgação dos nomes desses ou daqueles senhores como fundadores das cidades do sertão norterriograndense, além dos aspectos sócio-econômico do sistema capitalista, das relações sociais de produção, legitimando o poder, assim se

⁵⁶ Depoimento concedido ao autor por D. Romana Santos em 04 de janeiro de 2005.

⁵⁷ Depoimento concedido ao autor por Sebastião Araújo em 05 de janeiro de 2005.

recentemente mais uma Casa de Cultura localizada no bairro Paraíba, que tem o nome de Adjuto Dias. Com a construção do Centro Cultural, a região fica bem mais servida em espaços próprios para manifestações artísticas em geral.

É a partir do que já foi apresentado a respeito da origem de Caicó, tanto em suas versões lendária como a dada pela historiografia oficial, todas ligadas ao desenvolvimento econômico do município, que podemos expor, ou pelo menos, pretendemos mostrar como tais elementos serviram para essa construção que identifica a cidade. Os elementos apresentados serviram de elo na construção da identidade de Caicó, como expressão de seu desenvolvimento político, econômico, social e religioso, como já foi exemplificado em capítulos anteriores.

Todo esse processo de caráter identificatório serviu, ou ainda serve, para dar continuidade a um desenvolvimento sócio-político e religioso, bem como, para manter uma classe conservadora de raízes, hábitos e costumes prevalentemente rurais. A permanência do que são vistos como tradições servirá para legitimar a memória e as práticas dessa própria elite conservadora, onde se destacam, principalmente os membros da Igreja. Nesse sentido podemos tomar a memória como sendo canal que resiste ao desenraizamento de suas tradições, procurando manter pelas lembranças uma cidade única, particularmente experimentada e vivida por alguns e não por todos.

Essa construção imaginária surge a partir de uma necessidade de se garantir seus espaços culturais, antes exemplificados na conceitualização do mito, como também, através da "invenção" de algumas tradições. Essas tradições "inventadas", caracterizam-se por ser um processo de formalização e ritualização de uma determinada comunidade ou região, e visa impor certos valores e normas de comportamento através da repetição de suas histórias, implicando assim, numa

continuidade em relação ao passado. Na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições "inventadas" estabelecem com ele uma continuidade artificial.⁵⁸

Quando tomamos a memória para fazer emergir as imagens da cidade, estamos seguindo por caminhos que facilitam o entendimento das formas utilizadas para manter excluídas dadas memórias da cidade. Com o relembrar da construção histórica, reconhece-se que há em parte uma degradação da memória histórica dos espaços citadinos, daí a importância de se ressaltar a memória coletiva e principalmente histórica. Assim se expressa Noberto Luiz Guarinello em *Memória Coletiva e História Científica*:

O que se denuncia é o uso da ciência histórica como instrumento de poder e de dominação, é o efeito normativo, repressivo, que a história, como meio de ação do Estado, exerce sobre e contra as memórias espontâneas, que brotam do seio da sociedade.⁵⁹

Sobre memória coletiva faz-se necessário lembrar que pesquisar o pensamento da história de uma cidade requer extrapolar todos os caminhos e recursos científicos com propósito de atingir, do ponto de vista humano, o que há de palpável e concreto, comparando os depoimentos divergentes, retomando contatos, enfrentando as dificuldades, estimulando a memória individual num contexto histórico, revivendo-os com intensidade.

Apresentado o perfil citadino, faz-se necessário mostrar alguns meios pelo qual se fez o uso dessa memória histórica nos anos que seguiram. No que se refere à mídia local ou regional, podemos expor algumas visões feitas por estudiosos nas

⁵⁸ HOBBSAWN, Erick; RANGER, Terence. *Invenção das Tradições*. In: _____. Tradução de Celina Cordim Cavalcante. ed.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.9. (Coleção Pensamento Crítico; v.55).

⁵⁹ GUARINELLO, Noberto Luiz. *Memória Coletiva e História Científica: Revista Brasileira de História*, v. 15, n.28, São Paulo, 1994, p.185. *↳ S. megr.*

diversas áreas da cultura local em trabalhos editados nos últimos anos. Dentre eles, faremos exposição de um artigo da Revista “Caicó de Sant’Ana” publicada em Julho de 2002, período pelo qual realiza-se os festejos da Festa de Sant’Ana. Além de propagar a comemoração da festa de sua padroeira, a revista tende enfatizar os aspectos econômicos e artísticos da cidade de Caicó.

Num artigo da referida revista, “Caicó, uma feliz cidade” escrito pelo Professor Camilo Rosa, podemos perceber um novo perfil dado às narrativas lendárias e históricas, antes relatada em capítulos anteriores sobre o surgimento do município caicoense, numa maneira bem particular. Sua versão difere de outras narrativas, sem deixar despercebido, o orgulho de sua participação como integrante de uma memória apresentada numa imagem que identifica o espaço citadino. Assim se expressou:

Caicó se faz assim, nas sombras de suas inconsistências. Também Caicó se extrapola assim, na finitude de seu imaginário, descasado de sua realidade madrasta. Também Caicó se contradiz assim, nos nove foras de suas riquezas mal distribuídas (...). Raramente chove por aqui. E é bom que assim seja. Seria insuportavelmente perturbadora a alegria nos olhos desses sertanejos saciados. É um povo tão bom, chega dói. É uma gente tão oferecida, que comove. É o lugar dos altruísmo desmedidos, incompatíveis com a indigência que flui da maioria das casas sem rendas, a mínima(...). Todos veneram Sant’Ana como a protetora-mor. Eu também(...).⁶⁰

Esses meios de divulgação que atualmente constróem o perfil cidade, servem para dar continuidade a reprodução destas lendas e destas memórias que passam a ser incorporadas pelas várias camadas sociais, são portanto mais algumas histórias e interpretações que alimentam e reciclam as imagens e os textos que constituem a identidade de uma população.

⁶⁰ Revista: **Caicó de Sant’Ana**. Ano I. n.1. Caicó-RN, jul, 2002, p.3.

Os habitantes da cidade recordam o tempo passado e percebe que algumas coisas mudaram, ganharam um novo perfil. Recordando o seu tempo, poderão encarar como um ato de novas buscas no passado ao que não pode ser mais vivido no presente. Porque é somente através da recordação que se pode perceber o que mudou, o que foi possível ser realizado. É o que Eugênia Dantas expressa:

Não há fato bruto a ser recordado. O que há são sempre recriações de uma situação vivida, posto que estamos sempre imprimindo novos sentidos às coisas. À praça, os valores, a resistência, permanecem, possuindo o significado de outrora, porém com a dinâmica dos tempos presentes. Nela há uma pregnância de simbologias, significados que se iguala à teia simbólica e imaginal da sociedade que a vivencia.⁶¹

Dai a importância de se recuperar a memória, não para repeti-la, mas para poder representar a suas esperanças. Captar as diversas linguagens que se inscrevem na cidade, é de fundamental importância para que se possa construir uma sociedade mais humana e um instrumento primordial para a elaboração do espaço vivido em contraposição ao seu desenvolvimento.

⁶¹ DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da Cidade: revisitando Caicó**. Natal, 1996, p.88.

CONCLUSÃO

A função do historiador ^{dos} de nossos dias é libertar-se do aprisionamento de práticas limitadoras e preconceituosas, transformando a ^H história num instrumento capaz de auxiliar a sociedade a compreender as questões que envolvem o pensamento humano e os demais processos quer transitórios ou passageiros ocorridos em determinado espaço e tempo.

A origem de Caicó aqui relatada, resultante de pesquisas bibliográficas e extraídas de depoimentos orais de populares, ~~demonstram~~ aspectos lendários e sociais ^a de sua formação cultural, política e sócio-econômico, de maneira sucinta, devido às dificuldades encontradas quanto as fontes e registros oficiais. De qualquer forma, foi válida a contribuição de estudiosos como o Pe. Eymard Monteiro e Manoel Dantas por serem primordiais narradores da historiografia da cidade de Caicó.

Mesmo assim, para melhor conhecer a identidade da cidade de Caicó tais pesquisas necessitaram de um melhor complemento, sendo feito apelo à oralidade dos habitantes de Caicó, principalmente os mais idosos, considerados "reservatórios" de memória da cidade que levam a sério os aspectos míticos de origem e a formação de seu município.

Neste contexto, pode-se dizer que, a memória histórica da cidade de Caicó serviu para legitimar o poder e a dominação de determinados grupos sociais, responsáveis pelo desenvolvimento sócio-econômico da cidade. Portanto, considera-se que, a cidade é constituída por múltiplas memórias, mas, apenas alguns são selecionados para representar a sua tradição, a sua cultura e a sua identidade. A identidade de Caicó buscada nesse trabalho mostrou, também, aspectos referentes

NÃO
deixa
estar
na
conclusão

CONCLUSÃO

a questões voltadas para a religiosidade, a dominação dos senhores proprietários, as relações sociais de produção e consumo, legitimando a divisão das classes sociais. Contudo, serviu o estudo para despertar o entusiasmo pela pesquisa científica, pois, sem ela, estaria incompleto o trabalho do historiador.

Mod.
precisa
colocar

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

- Depoimentos orais: Zilda da Silva
Romana Santos
Sebastião Araújo
Adauto Guerra Filho
- Revista: **Caicó de Sant'Ana**. Ano I, n. I, Caico-RN, jul. 2002. 34p.

Bibliografia

ADELINO DANTAS, José. **Homens e Fatos do Seridó Antigo**. Rio de Janeiro: [s/e], 1961.

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. Recife: FJN, Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 2001.

ARAÚJO, Eromar Batista de. **Caicó ontem como li**. Brasília: GSF, 1991.

ARAÚJO, Lidiane (org.). **Caicó meu ninho**. Caicó-RN: [s/e], 2001.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CÉSAR, Constança (et. al.). **As Razões do Mito**. Campinas: Papirus, 1988.

DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da Cidade: revisitando Caicó**. Natal: [s/e], 1995.

DANTAS, Manoel. **Denominação dos Municípios: Rio Grande do Norte**. Natal: Empresa Tipográfica Natalense Ltda, 1922. (Coleção Mossoroense, Série B, n.607, 1989).

DINIZ MORAIS, Ione Rodrigues. **Desvendando a Cidade: Caicó e sua dinâmica espacial**. Brasília: GSF, 1999.

ELIADE, Mircea. **Aspecto do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. ^r**Mito e Realidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine. **Caicó**. Natal: FJS / CEPEJUL, 1982.

GUARINELLO, Noberto Luiz. ^c**Memória Coletiva e** ^h**História Científica:** ^R**revista brasileira de história**. ^vV.15, n.28. São Paulo: ANDUH/Marco Zero, 1994.

GUERRA FILHO, Aduino. ^m**O Seridó na Memória de seu Povo**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001. ^P

HALBWACHS, Maurice. ^c**Memória Coletiva**. 2.ed. Paris: Presses Universitaires de France Paris, 1968.

HOBBSBAWN, Erick; RANGER, Terence. ^t**Invenção das Tradições**. 2, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico; v.55).

LEGOFF, Jacques. ^m**História e Memória**. 4, ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. ^{Editor}

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. ^P**A Penúltima Versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense**. Natal, (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais), 1998. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais).

MAGALHÃES, Célia; MACIEL, Vilma. ^m**Nordeste Místico: império de fé**. Fortaleza: Cearense, 1983.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. ^l**Velhos Inventários do Seridó**. Brasília: GSF, 1983.

MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Natal: Nordeste Gráfica, 1999.

SANTOS, Paulo Pereira dos. ^e**Evolução Econômica do Rio Grande do Norte: do século XVI ao século XX**. Natal: Clima, 1994.

VALE, Itamar. ^v**Meu Velho Caicó**. Natal: GSF, 1974.

WANDERLEY, Jaime dos G. Flor de ^eEstufa entre ^eÇactus: poema. Natal: GSF, 1968.